

amm

AVE MARIA — REVISTA QUINZENAL — ANO LXXXIV — Nº 4
28 DE FEVEREIRO DE 1983 — Cr\$ 120,00



FORMAS E LUGARES DA VIOLÊNCIA
MUDAR COM A IGREJA QUE MUDOU
FRATERNIDADE SIM, VIOLÊNCIA NÃO

FRATERNIDADE E CONFLITOS

ESTRELAS E DROGAS

IMOBILIÁRIA PRESSIONA 200 FAMÍLIAS

Fortaleza (CIC) — O Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos da arquidiocese de Fortaleza enviou um documento ao Juiz de Direito de Beberibe, CE, denunciando as pressões sofridas por 200 famílias da Prainha Canto Verde que há mais de 50 anos ali residem e trabalham. A imobiliária Antônio Sales pressiona as famílias a venderem suas terras. Caso elas resistam, a imobiliária é "assessorada" por um grupo de pistoleiros. O CDPDH esteve nos dois cartórios da cidade e constatou que existem dezenas de declarações de venda de terras da região em favor de Antônio Sales Magalhães. O procurador dos moradores que consta em todos os documentos não é conhecido por nenhum deles. Trata-se, pois, de documentos sem valor jurídico, visto não preencherem todos os requisitos da lei. O documento alerta ainda que a imobiliária quer requerer o usucapião da área, uso este que pertence aos moradores.

Solidariedade nordestina

Recife (CIC) — Constatadas pelo grave problema da seca no Nordeste, as comunidades de Recife estão promovendo uma grande campanha em prol das vítimas da estiagem que assola a região. O Regional Nordeste II da CNBB vem recebendo doações em Recife na Rua do Giriquiti, 48.

Visita aos padres presos Francisco e Aristides

Brasília (CIC) — O superior geral da Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris, padre Jean Paul Bayzelon, veio ao Brasil especialmente para visitar os 2 padres franceses que pertencem à Sociedade. Contando atualmente com 700 padres, a Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris está presente em 20 países do mundo.

Católicos na Índia

Nova Déli (CIC) — De 1971 até 1981 cresceu em 16% o número de católicos da Índia. Atualmente existem 10 milhões e meio de católicos na Índia, distribuídos em 88 dioceses. Trabalham lá 11 mil padres nativos e 800 estrangeiros.

Papa solidariza-se com vítimas

Belo Horizonte (CIC) — Dom João Resende Costa, arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, recebeu da Secretaria de Estado do Vaticano um telegrama de solidariedade pelas trágicas conseqüências das chuvas que atingiram a capital mineira, deixando milhares de pessoas desabrigadas e 80 mortes. O telegrama é assinado pelo Secretário de Estado do Vaticano, cardeal Agostinho Casaroli, e diz: "O Santo Padre tomou conhecimento com profunda pena das trágicas e ltuosas conseqüências das inundações que atingiram especialmente esta região brasileira de Minas Gerais. Como sempre viva lembrança da simpatia do querido povo mineiro que visitou, quer afirmar-se espiritualmente nesta hora de dor. Sufragando falecidos, deseja levar seu pessoal conforto e implora a Deus misericórdia assistência e consolação para todos os sinistrados e quantos sofram física e moralmente com propiciadora bênção apostólica".



Grileiro ameaça expulsar 300 famílias

Niterói (CIC) — Mais de 300 famílias moradoras no bairro Jacaré estão sendo ameaçadas de despejo pelo grileiro Levi da Costa Nunes que afirma ser o proprietário de suas terras. Desde 1981 essas famílias vêm sendo ameaçadas por capangas do grileiro. A situação se tornou ainda mais intensa a partir de agosto do ano passado, quando dona Francisca Maria da Conceição, moradora do local há 35 anos, foi agredida; Caetano José da Luz, morador

há mais de 49 anos no bairro Jacaré, foi expulso de suas terras no dia 16 de dezembro; no dia 21 de dezembro Levi da Costa Nunes moveu ação de despejo às 300 famílias. Uma moradora assim se expressa diante do problema: "A espada está suspensa sobre nossas cabeças. É a eterna luta entre ricos e pobres. Vamos vencê-la. Não sairemos de nossas terras. Elas nos pertencem, somos posseiros de direito".

AVISO AOS ASSINANTES

O nosso representante, Sr. João Ferreira Menezes, estará brevemente visitando os nossos assinantes das seguintes cidades paulistas: Itu, Salto, Indaiatuba, Elias Fausto, Capivari e Monte Mor.

INTENÇÕES MISSIONÁRIAS

INTENÇÃO GERAL: Para que a quaresma seja para os cristãos "tempo de verdade".

INTENÇÃO MISSIONÁRIA: Pelo respeito dos valores familiares e religiosos na China.

SUMÁRIO

- 4 • **CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e religião.
- 5 • **MUDAR COM A IGREJA QUE MUDOU**
Converter-se para uma nova realidade.
- 6 • **FORMAS E LUGARES DE VIOLÊNCIA**
Idéias claras para atitudes corretas de fraternidade.
- 8 • **FRATERNIDADE E CONFLITO**
Denunciar com energia e severidade o desamor.
- 9 • **OS HERDEIROS DA GATA**
A violência degrada e destrói a paz social.
- 10 • **OUTRA PÁSCOA!**
Na força do Ressuscitado está a esperança para dias melhores.
- 11 • **O ESPÍRITO DO CALVÁRIO**
O sacrifício, fruto do amor, alcança a ressurreição.
- 12 • **SEGUNDA LIÇÃO PARA FAMILIARES DE ALCOOLATRAS**
- 13 • **ESTRELAS E DROGAS**
O amor e a compreensão educam para a maturidade.
- 14 • **INTENÇÕES DA ARQUICONFRARIA DO CORAÇÃO DE MARIA - 1983**
- 15 • **CORAÇÃO DE MARIA (VII)**
A coerência da vida de Maria é apoio para a nossa perseverança.
- 16 • **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
O Pão de Gandhi — Arriscar para melhorar.
- 18 • **FRATERNIDADE SIM, VIOLÊNCIA NÃO**
Oposição à opressão e unidade à fraternidade.
- 19 • **HÓSPEDES**
Aprender a conviver na paz.

FOTO DA CAPA: Mecenas M. Salles

EDITORIAL

Fazer justiça é viver a fraternidade

Quem mora em São Paulo, ou quem visita a capital paulista provavelmente conhece o rio Pinheiros. Na altura do famoso Jockey Club à margem direita do rio situa-se o "Shopping Eldorado". É um magnífico centro de compras, onde o requinte arquitetônico e a sofisticação das lojas, decoradas com espelhos, cristais, esmaltes, lustres, flores, chafarís, vidros fumês e luzes em abundância, deixaria estupefato e boquiaberto qualquer empresário norte-americano ou europeu.

Em flagrante contradição, à margem esquerda do rio (e aqui não vai nenhuma alusão política), na encosta do morro, mas também à beira da marginal, a favela. Tábuas velhas, latas, caixotes, tijolos e telhas de segunda mão; becos e vielas; nem luzes, nem água, nem flores. É um ambiente cópia de todas as favelas brasileiras. Nelas 80% dos moradores recebem de 1 a 2 salários mínimos. São 1.800.000 favelados no Rio de Janeiro; 2.500.000 em São Paulo; 400.000 em Fortaleza; 200.000 em Porto Alegre.

Contra a idéia de que os favelados são marginais, assaltantes e traficantes, eles são trabalhadores com carteira profissional, pagam INPS e prestam serviços indispensáveis a cidade como operários braçais de construção civil, ou autônomos como ambulantes, carregadores tarefeiros ou como domésticas.

Diante desse quadro é inegável o violento contraste ao qual não se pode fechar os olhos a não ser que se negue a verdade da realidade. Embora as leis permitam, diríamos, codificar como legal a propriedade privada sem limites e seu uso até abusivo, é no mínimo chocante e injusto vermos o contraste provocado pelo pecado social.

Sabemos que o Brasil é um país muito rico, porém os pobres são a maioria absoluta da população e, o mais triste, crescente dia a dia. A crise econômica agrava-se diariamente, porém as suas conseqüências têm repercussões diferentes nas classes sociais. Os pobres, por exemplo, de há muito tempo enfrentam o problema primordial da alimentação.

Esta é uma das tantas violências que a campanha da fraternidade deste ano quer minorar. Para tanto o que fazer?

Durante a quaresma as oportunidades de participar serão muitas. A unidade dos cristãos e dos homens de boa vontade, com espírito solidário, poderá transformar inúmeros focos de violência em fraternidade. Nas comunidades e nas associações não ter medo nem vergonha de olhar e de enxergar a realidade que nos cerca; ter ouvidos para ouvir e escutar os apelos das vítimas de qualquer opressão ou violência. Não ter receio nem escrúpulos de refletir e analisar as contradições da realidade social. Dar sugestões e trabalhar para melhorar. Ter coragem de proferir a verdade e a audácia de cobrar, dos governantes eleitos, suas promessas e suas responsabilidades diante dos bens públicos e da justa e séria aplicação dos mesmos.

Unir-se ao esforço de todos que lutam contra a violência é começar a fazer justiça e a viver a fraternidade.

P.C.G.

am
avemaria

□ AVE MARIA é uma publicação quinzenal da Editora Ave Maria Ltda. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob nº 50 no R.T.D., sob nº 67 e na DCDP do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. □ Diretor: Athos Luís Dias da Cunha. □ Redação: Cláudio Gregianin, Maria do Carmo Fontenelle e Antônio Joaquim Lagoa. □ Arte e Diagramação: Pedro Ribeiro. □ Colaboração: D. Vicente Scherer, Elias Leite, José Fernandes Oliveira, José Wanderley Dias, João de Castro Engler, André Carbonera, Mons. Bene, José Andery, Roberto Negrelli e Alceu Luiz Orso. □ Departamento de Assinatura e Promoção: José Rodrigues de Almeida. □ Circulação e Propaganda: Geraldo Moreira, Joaquim de Castro, Antonio T. Sato, Afonso de Marco e João Ferreira de Menezes. □ Coordenação e Publicidade: Cláudio Gregianin. □ Administração: Nestor Antonio Zatt e Hely Vaz Diniz. □ Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º snfstrd. (Tel.: 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP. □ Composição, Fitolito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda., Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque) - São Paulo. □ A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. — Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio. A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas pelo correio. □ Preços: Número avulso Cr\$ 120,00 - Ass. Anual (simples) Cr\$ 2.000,00 - Ass. benfeitor Cr\$ 3.000,00.

CONSULTÓRIO POPULAR

- *Aqui respondemos as perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.*
- *Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Favor enviar selos para a resposta.*
- *Correspondências para: Pe. João Engler - Cx. Postal 153 - CEP 80000 - Curitiba, PR.*

1.895

FÉ NA RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Gostaria de obter uma explicação para as palavras de S. Paulo: "Se tão-somente nesta vida esperamos no Senhor, somos os mais miseráveis de todos os homens" (1 Cor 15,19) (C.B. — Osvaldo Cruz, SP).

Leia todo o contexto da passagem de S. Paulo: 1 Cor 15, de 12 a 19. O que ensina S. Paulo, olhando todo esse contexto, é o seguinte: O Apóstolo dá como ponto indiscutível que existe tal conexão entre a ressurreição de Cristo e a dos cristãos; que, admitida a de Cristo, deve-se admitir a ressurreição dos fiéis (leia nesse mesmo lugar os vers. 20 a 23). São Paulo se detém a considerar as graves consequências que se seguiriam se negássemos a ressurreição de Cristo (vers. 13 a 16). Essas consequências seriam: 1) — tanto a pregação dos apóstolos como a "fé" dos cristãos seriam vãs (vazias), sem finalidade, sem conteúdo, pois seria a respeito de um morto (Cristo) que se sacrificou em vão, cuja doutrina não tem realidade (vers. 14; 2) — os apóstolos seriam impostores, pois estariam testemunhando a ressurreição de um morto que não res-



suscitou (vers. 15); 3) — todos os fiéis que crêm ter passado da morte à vida e estar purificados de seus pecados, estariam, de fato, sem ter sido remidos ficariam nos seus pecados, como todos os pagãos (vers. 17), e igualmente os já falecidos (vers. 18. 4) — a vida e as renúncias que os cristãos se impõem não teriam sentido, e eles seriam os mais miseráveis, os mais infelizes dos homens (vers. 19).

1.896

DIA DO SENHOR

Não é violação da lei de Deus trabalhar no Dia do Senhor, no sábado (no Antigo Testamento) e nos domingos e dias santificados após a Ressurreição de

Jesus (no Novo Testamento)? (Assinante de Juiz de Fora, MG).

Pode haver trabalhos justificáveis num dia de guarda, particularmente no domingo? Em algum caso, sim: as cozinheiras, os maquinistas dos trens, os motoristas de ônibus, etc., por ex. ainda, os médicos e enfermeiros nos hospitais, vêm-se necessitados de trabalhar nos domingos. O problema todo está em avaliar-se com são critério se a necessidade de tal trabalho pode, em alguns casos, justificar a transgressão do descanso sagrado, e quanto possível se reduza esse trabalho a algumas horas, que salvem o dever espiritual do domingo, dever espiritual que supõe e requer certo descanso, — e descanso que também é necessário.

O caso que o consulente alega é difícil de julgá-lo sem conhecer de que construção civil se trata e até que ponto essa construção é necessária e quanto tempo de trabalho se vai pedir a esses voluntários.

1.897

CERIMÔNIAS DA MISSA

1 — É facultativo hoje, nas missas dominicais, a recitação do Creio?

2 — A recitação da oração "Communio" foi abolida? (H. P. C. — Governador Valadares, MG)

1) As normas atuais da celebração eucarística foram estabelecidas após o Concílio Vaticano II e tornadas de preceito para toda a Igreja, pela Constituição Apostólica "Missale Romanum" de Paulo VI, em 3 de abril de 1969, acompanhada do Decreto da Sagrada Congregação dos Ritos de 6/4/69 e entraram em vigor a partir de 30/11/69.

Nestas Normas, sob o n. 44 se diz: "O Símbolo (Credo) deve ser dito pelo sacerdote com o povo, nos domingos e solenidades; pode-se também dizê-lo em celebrações especiais mais solenes".

2) — A recitação da "Communio" não foi abolida, mas, em seu lugar, pode haver um cântico, enquanto o sacerdote comunga e os fiéis vão recebendo a Eucaristia, durante o tempo que parecer oportuno. Isto é o que se lê no n. 56 i, das mesmas Normas. É o que costuma acontecer nas celebrações dominicais, e também em outras.



Mudar com a Igreja que mudou

Pe. José Fernandes de Oliveira, scj

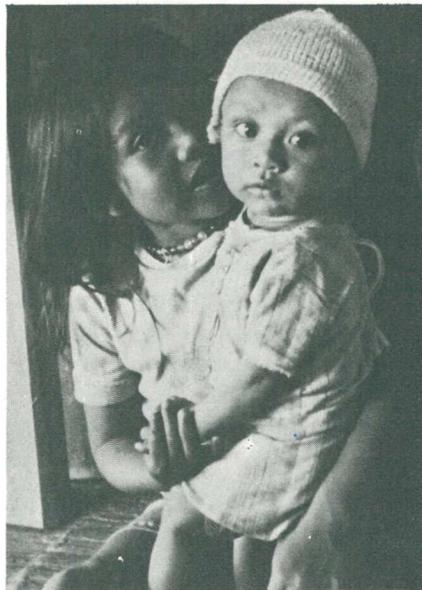
As realidades atuais da vida dos irmãos exigem mudanças na maneira de ver e agir diante dos acontecimentos. É um desafio à conversão.

A Igreja que nas Conclusões de Puebla se proclama um povo de servidores e uma instituição santa e pecadora, coerentemente escreveu e assinou embaixo que, para mudar a situação da América Latina, precisa ela mesma mudar. Esta mudança, como era de supor, não viria sem sofrimento e rupturas. Como todo o processo de conversão, o seu é também um processo de aprendizado.

Dentro da Igreja, membros dela, mais lúcidos ou menos lúcidos, caminhamos nós que também somos santos e pecadores e que também pretendemos nos classificar como servidores em Jesus Cristo. E não deve ser diferente o nosso processo.

A nível de comunidade e a nível pessoal somos todos chamados a nos converter para uma nova realidade que ainda precisa ser feita e forjada neste continente.

E aí é que começa o grande desafio. Tiro isto por mim, a quem muita gente conhece pelos inúmeros discos e livros para juventude, que já fiz e publiquei. Recentemente reavaliei todos aqueles trabalhos e, pensosamente para mim, concluí que meus críticos (sei que os tenho) estão cobertos de razão quando dizem que



muito do que digo ou canto já não responde mais à situação de agora. Eu poderia arranjar mil explicações para justificar aqueles trabalhos de ontem e mesmo os de agora, mas a verdade é que, se fui útil a determinadas pessoas no tempo de ontem, já não o sou mais no tempo de agora. Se quiser continuar sendo útil, terei que reaprender. E é o que estou fazendo a duras penas nestes últimos cinco anos.

Não rejeito aqueles livros e discos nem aquela pastoral que muitos taxam de alienantes. E o foram.

Mas atuei numa Igreja que não falava claro como foi falando em Medellín e Puebla. Depois vieram outras vozes, outros autores e outros pastoralistas com os quais precisei reavaliar meu próprio trabalho.

E, se a gente não tem essa coragem de admitir que precisa começar de novo, não há por que falar em cristianismo...

Se mudou a Igreja, por que não havemos nós de mudar como cristãos e pastoralistas?

Enganam-se portanto os que se abatem com as críticas. Deus abençõe os nossos críticos e os que discordam de nossa linha ou de nosso jeito de ser na Igreja. Eles mostram aos autores ou pastoralistas que não há nada definitivo ou perfeito em termos de pastoral. Dinâmica como deve ser, muda com a época. E o pastoralista também deve ter a humildade de reconhecer que ele mesmo precisa de vez em quando deixar o púlpito e a cátedra para se tornar aluno dos próprios alunos.

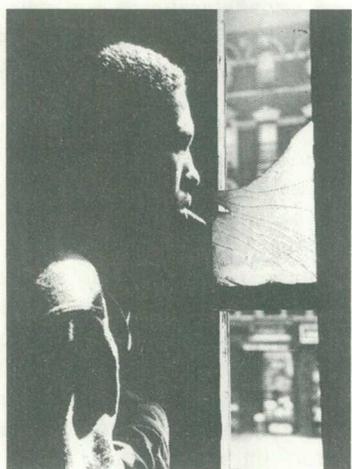
No caso, estou voltando a aprender com jovens e seminaristas e, mais ainda, com os padres mais novos que eu. Falsa humildade? Vaidade disfarçada em lucidez? Não. Realismo. Entendo que a Igreja mudou e está mudando para continuar fiel e si mesma e ao seu passado. E a cristãos limitados como eu e você que me lê agora, não resta outra coisa senão a coerência de admitir que só é útil quem aceita rever o seu passado e recomear tantas vezes quantas o Evangelho exigir.

Mudar com a Igreja é, pois, algo mais do que um convite. É uma exigência. Não é fácil. Mas parece lógico e cristalino...

FORMAS E LUGARES DA VIOLÊNCIA

Secretariado de Justiça e Não Violência de São Paulo

A Campanha da Fraternidade de 1983 espera dos católicos, dos cristãos e dos homens de boa vontade mais do que um espanto estático diante da violência generalizada: espera atitudes concretas de fraternidade. Para isso e para se ter uma idéia clara do que é violência hoje, é preciso lembrar alguns fatos e algumas situações comuns em nossa sociedade.



Violência divulgada

Basta ligar a televisão na hora das notícias para receber na cara uma verdadeira bateria de imagens violentas. Ora são conflitos sociais em grande escala, como as recentes e absurdas guerras nas Malvinas, no Líbano e no Iraque; ora são lutas rurais entre posseiros ou velhos moradores e empresas cobiçosas de terras;

ora são crimes de morte, de roubo, de abuso sexual, de tráfico de drogas ou mesmo de policiais que agem fora dos limites do Direito.

Essas e outras são formas de violência que os meios de comunicação informam mas nem sempre apresentam com o devido critério.

Violência silenciada

Nem tudo, porém, é anunciado para o grande público com o seu nome certo de "violência". Muitas injustiças e violações aos direitos do povo passam em silêncio porque se tornaram fatos de todo dia, simples rotina. É o conformismo. Mas cabe aos cristãos conscientes fazer a sua denúncia onde e quando puderem:

Sofrem violência todos os dias os homens do campo, os peões e os bóias-frias das fazendas, submetidos a uma vida de exploração, que se parece em certos aspectos com o tempo da escravidão, sem nenhuma saída para o crescimento humano e religioso.

Sofrem violência nas cidades os operários, principalmente os menos qualificados, que trabalham em condições perigosas, recebem salários insuficientes além de viverem ameaçados de desemprego.

Sofrem violência as empregadas domésticas sujeitas a horários irregulares o obrigadas a viver em quartos mesquinhos em contraste com o luxo das mansões e dos grandes edifícios.

Sofrem violência os inquilinos que devem pagar reajustes de aluguel extorsivos que levam grande parte dos seus salários.

Sofrem violência milhares de vítimas de trânsito e de acidentes de trabalho que lotam os hospitais e prontos-socorros. Outros são vítimas das condições miseráveis dos barracos, da alimentação pobre, da água poluída, de remédios que fazem mal à saúde. Em muitas "clínicas" desaparecem milhares de inocentes mortos



pela indústria do aborto, ato que, fora ou dentro da lei, nunca deixará de ser crime para quem tem uma consciência cristã.

Violência escandalosa

Há uma terceira forma de violência, que se pode chamar "escandalo-

sa", porque é a própria exibição da violência. Aparece no cinema, na televisão, nas revistas, nos jornais e em outros meios de comunicação. Lembremos três de suas modalidades:

— como apresentação muitas vezes sugestiva ou aprovadora de atos de brutalidade e de chantagem, incutindo no público a atitude cínica de que o crime compensa;

— como exploração mórbida do sexo, através de revistas e filmes pornográficos que violam a dignidade do corpo humano, deturpam as relações amorosas e incitam os jovens à promiscuidade, ao adultério, ao prazer egoísta e a todas as perversões. A obscenidade é uma das causas da prostituição e da violência sexual crescente nas grandes cidades;

— como propaganda de bens supérfluos e luxuosos que propaga um espírito de consumismo irresponsável entre os ricos e causa frustrações sem saída nas classes médias e pobres.

Violência oculta

Há injustiças que, por terem nascido durante o processo de formação do povo brasileiro, passam por simples conseqüências de nossa história e, por isso, deixam de ser combatidas nas suas formas opressivas atuais.

Sofrem violência os negros que, em uma sociedade que se diz não-racista, continuam rejeitados em vários ambientes e ocupam, em geral, níveis inferiores nas carreiras profissionais, além de sofrerem vexames policiais sempre que há suspeitas em situações de marginalidade.

Sofrem violência os indígenas cujas terras são lugar de contínuas invasões e cuja cultura é desrespeitada.

Sofrem violência política todos os que são condenados por participarem no processo democrático brasileiro. A Lei de Segurança Nacional é ainda um dos instrumentos mais agressivos que o sistema tem acionado contra as lideranças democráticas formadas legitimamente no interior da sociedade civil. É violência tudo o que impede o povo de se organizar e de se manifestar livremente através dos Sindicatos, dos Partidos, dos Movimentos Populares, das Universidades, das Igrejas e, sobretudo, mediante elei-

ções diretas para todos os cargos executivos e legislativos da Nação.

Causas sociais da violência

Em primeiro lugar, a escalada da violência dos últimos anos coincide com o aguçamento de uma crise econômica que o País atravessa já há muito tempo. O modelo econômico, imposto e mantido sem qualquer consulta às forças vivas do País, aumenta a desigualdade já brutal no que diz respeito à distribuição de rendas e bens. O Brasil é um país muito rico onde, porém, a classe pobre é a maioria absoluta e crescente da população. Por quê? O sistema brasileiro atual, que já foi chamado de "capitalismo selvagem", deixa para último lugar a resolução dos problemas fundamentais do povo: terras para cultivo, salário, alimentação, moradia, saúde, educação, transporte, pleno emprego. A sua preocupação maior está concentrada nos grandes projetos manobrados pelas empresas multinacionais, como usinas nucleares e barragens, nas quais o governo gasta bilhões de cruzeiros, na tecnocracia, na propaganda e na segurança militar. Assim, é o próprio centro econômico e político da Nação que comete violência contra a massa do povo, no meio da qual, aliás, não é de estranhar que ocorram atos de agressividade e desespero.

Em segundo lugar, a violência coincide com a impunidade da repressão policial. Esta passou a fazer o que bem entende desde que só pode ser julgada pela justiça militar, tendo sido portanto subtraída à justiça comum. Daí a dificuldade atual de desmontar algumas verdadeiras "gangs" de corrupção e violência escondidas nas polícias estaduais e federais. Leigos "especiais" tornam a violência também "especial".

Em terceiro lugar, a violência coincide com a difusão, por certos meios de comunicação irresponsáveis, de atitudes cínicas e brutais e imagens de atos perversos com que se procura vender mais, em vez de tentar construir junto com o público uma nova mentalidade cujo valor central seja o respeito à pessoa humana.

Devemos perguntar honestamente: serão simples "coincidências", ou

causas reais da violência crescente no Brasil essas três características apontadas, o modelo econômico injusto, a repressão política e policial impune, os meios de comunicação irresponsáveis?

Interpretações enganosas

A opinião corrente de que o povo brasileiro é, "cordial", "bondoso", "avesso à violência" e amigo de compromissos jeitosos é muito agradável e simpática para o nosso amor-próprio nacional, mas não deve levar à cegueira de ignorar como se fez concretamente a História do Brasil desde os tempos coloniais. Quatro séculos de escravidão negra, a caça feroz aos índios pelos bandeirantes, o massacre dos quilombos refugiados em Palmares, a mortandade que foi a Guerra do Paraguai, o fim trágico dos sertanejos acampados em Canudos, os anos tenebrosos da ditadura militar enquanto vigorou o AI-5, estão a provar que, infelizmente, nem tudo foi brando ou cordial em nossa História. Ao contrário.

Além do mais, essa visão puramente otimista do homem brasileiro como ser naturalmente pacífico pode criar na cabeça dos governantes a suspeita de que, afinal, a violência é apenas expressão psicológica de uma minoria descontente ou malsã cuja agressividade deve ser reprimida a qualquer preço para restabelecer a segurança nacional. Ora, é preciso apontar justamente as causas objetivas da violência para repor as idéias no seu lugar. Muitos atos "violentos" são efeito de uma estrutura profunda de injustiça que desequilibra e envenena as relações humanas.

Uma definição possível de violência

Depois de lembrar algumas formas principais de opressão, temos agora um critério mais amplo para definir o termo "violência". *Violência é tudo o que viola os direitos do ser humano.* Logo, um ato só é violento quando lesa o próximo. Violência tem um sinônimo perfeito: injustiça. Dizer "não" à violência é praticar ou restabelecer a justiça entre os homens.

(Do Texto-síntese *Fraternidade Sim, Violência Não*, Edições Paulinas).

A fraternidade supõe a energia, a resolução, a severidade e a coragem de denunciar as causas das injustiças e as falsidades.



FRATERNIDADE E CONFLITO

Pe. Isidoro De Nadai

Na meditação que fazíamos com nosso grupo de reflexão sobre um episódio narrado no Evangelho, pude perceber a dificuldade que temos de entender que o amor, em determinadas circunstâncias, só se concretiza na resistência e no combate. Vários componentes do grupo julgavam simplesmente inexplicável a atitude de Cristo, expulsando com chicote os vendilhões do templo. Ele, que se declara "manso e humilde de coração", não poderia agir com a violência demonstrada no episódio...

Cristo, porém, jamais confundiu mansidão e humildade com acomodação, com acovardamento e, muito menos, com cumplicidade. Sempre que se deparou com a má vontade, com hipocrisia, com a dureza de coração, com a injustiça, com a exploração, ou seja, sempre que se viu a braços com o desamor, com a maldade, com o desrespeito acintoso a Deus e seus templos vivos, que são os seres humanos, em especial os mais frágeis, Ele foi muito severo, para não dizer violento.

Acontece que, perante a má fé, a violência e o deboche, o amor só é digno desse nome quando se traduz na força da coragem, quando sabe resistir e enfrentar. Há um pensamento cujo autor não declino, porque me crucificariam se o fizesse, que define com exatidão o amor autêntico, numa situação de conflitos e de injustiças institucionalizadas. É o seguinte: É preciso ser duro, sem nunca perder a ternura. Pensamento que outro autor "maldito" comentou: "É preciso lutar sem ódio, amar o inimigo, fazer a guerra, em paz, diz o Senhor."

Parece-me que é também isso que quer dizer, com Cristo, o lema da Campanha da Fraternidade 83: "Fraternidade sim, Violência não". Na realidade, não poderei ser fraterno com o opressor, não o amarei, se não denunciar profética e energicamente a opressão que ele pratica.

Se é verdade que, normalmente, não temos o direito de lutar contra as injustiças com a violência das armas, é verdade também que, exatamente por termos os braços desarmados, não temos o direito de conservá-los cruzados. "Repelir a luta de classes é também optar resolutamente por uma nobre luta a favor da justiça social" (João Paulo II, em São Paulo).

OS HERDEIROS DA GATA

José Wanderley Dias

Onde não há justiça e amor fraterno, só pode surgir a agressão e a morte que degradam e destroem a paz social.

Como se fosse — e na realidade o é! — uma espécie de toxicomania grave, crescente, letal, a violência inaudita de nossos dias está intoxicando progressivamente todo o organismo social.

Por mais que nos proclamemos pacíficos, que sintamos a necessidade de acabar com a agressão generalizada a que estamos assistindo em todas as partes, e de que nos proclamemos vítimas inermes, na realidade e sem que o percebamos talvez, vamos tornando em co-autores, em participantes diretos do clima de terror em que se constitui a vida (que deveria ser coexistência) de nossos tempos.

Criticamos o mundo-cão de certos programas de televisão, cheios de concessão a toda forma de desvios comportamentais e de anomalias da psique de grande parte de nossa população, a começar pelos que exploram tais formas viciadas de comunicação.

No entanto, todos ficamos presas da comunicação social, acompanhando avidamente todos os detalhes de caçada humana que terminou com a morte violenta de um cultor da violência: o marginal Fernando da Gata que, "havendo ferido com ferro, com ferro caiu ferido para sempre", como está na advertência profética. (*) (Fato ocorrido no segundo semestre do ano passado.)

Esmerou-se a comunicação em oferecer um espetáculo ao vivo, melhor diríamos que à morte.

Cães, armas, ciladas, armadilhas, punhos crispados, explosões de ódio,

nada foi poupado à montagem do drama real.

Esmiuçou-se a vida do delinqüente, caçado como se fosse fera, e talvez se haja comportado freqüentemente à maneira de uma.

Não se poupou a sua velha mãe.

Revoue-se a vida de um pobre pai que, aterrorizado pela presença do facínora em sua cidade, armou-se e matou sua filha, confundindo-a ou pensando que seus passos fossem de um assaltante.

Mostrou-se a variável psicologia das multidões, desfilaro ante o cadáver do bandido, que ganhou flores, roupa, num gesto de discutível caridade, e com muito de ostentação.

Não estou atirando pedras: quando dei por mim, estava também acompanhando pela imprensa e pela tevê a marcha dos acontecimentos. Daí a tristeza pessoal com que constato que nos estamos tornando todos violentos, agressivos.

A sociedade, como um todo, parece praticar que a solução da violência é responder a ela com as mesmas armas, com o mesmo clima de ódio e de intolerância.

A violência institucionalizada é um suicídio coletivo, histérico, alucinado; é um beco sem saída; é a confissão da falência total da sociedade e de seus organismos de construção e manutenção da ordem.

Um telefonema, a que a Neuza atendeu, e vindo de uma senhora que, ela própria, já experimentara, na carne e na alma, o drama da violência do mundo, mostrou-me, com maior evidência, aquilo que não pode deixar de preocupar-nos, resumido

numa pergunta angustiosa: "O que será do pequeno filho de Fernando da Gata?", já que este pequeno inocente, também mostrado no programa jornalístico, vai crescer sob o estigma de um nome amaldiçoado e que será, embora inocente, agredido e rejeitado pela sociedade que se diz melhor que seu pai!!!

Fernando da Gata caiu como quase sempre tombam os violentos. A sua morte brutal, porém, resolverá o problema? Ou simplesmente acabará com um dos efeitos, com uma das conseqüências, fazendo recrudescer as causas, as origens, os motivos?

Calcula-se em duas dezenas e meia de milhões o número de menores abandonados, soltos por aí, começando cedo na escola do crime, da agressão, do furto e da morte.

Quantos fernandos-da-gata estarão aí? Quantos se aperfeiçoarão ainda mais na arte da solércia e do desrespeito à vida humana?

E, nas classes mais altas, quantos existem que, dos pais e das mães, têm apenas o nome e a carteira, transformando-se, assim, em outra sorte de delinqüentes, de luvas talvez, e por isto mesmo mais culpados (se é que aqui cabe a palavra culpa), os que são marginalizados desde o nascimento e até antes dele!

Haverá armas suficientes para derrubar os marginais que surgirão, como formigas, da matéria-prima que é o abandono e a miséria?

Ou os fernandos-da-gata nos superarão em número e força, em que são mais hábeis que o homem comum?

Enquanto persistir este clima terrível de que estamos participando, aumentará o medo de toda uma geração, ou de muitas gerações, das quais a luz esfuziante das lâmpadas e dos anúncios não foi capaz de afastar o pesadelo escuro do medo e do terror...

O ódio está aí nas ruas; não o conjurando, estamos gerando e multiplicando fernandos-da-gata, porque a violência gera facínoras e violentos — e do desamor só pode surgir a agressão ou a morte...



OUTRA PÁSCOA!

Pe. André Carbonera, cmf

A renovação esperada por ocasião da Páscoa é de dias mais alegres e pacíficos, de um futuro menos violento e mais fraterno.



Como a vida passa! Percebamos ou não, o tempo anda, anda, anda... Ele não se cansa... Não pára... "Forte", hem?!...

O ilustre tempo leva coisas e não as traz de volta. Outras retornam... Uma delas: A PÁSCOA.

Páscoa!... Páscoa!... Palavrinha danada! Rica! Plena!

Será que a próxima Páscoa apresentará diferenças em relação às anteriores?... Claro: Diferenças espirituais...

Será que teremos "apenas" uma Páscoa a mais?...

Será que na Páscoa diminuirão as guerras?... as violências?...

Será que a Páscoa trará mais os casais?...

Será que a Páscoa congregará os pais e os filhos?...

Será que a justiça e o respeito para com os outros crescerão durante o tempo pascal?...

Será que a Páscoa aumentará a vida de oração?...

Será que a Páscoa nos trará mais, muito mais fé?...

Será que o ódio e o orgulho crescerão com o advento da Páscoa?...

Será que a imagem de Jesus Ressuscitado nos comoverá e nos tornará mais, infinitamente mais puros e limpos de coração?...

Será que na Páscoa ocorrerão menos, bem menos roubos e assassinatos e assaltos e acidentes?...

Será que a Páscoa nos deixará menos sem-vergonhas e com mais,

imensamente mais VERGONHA NA CARA?...

Será que na Páscoa os velhos e doentes e prisioneiros passarão esquecidos?...

Será que mais gente receberá educação, a partir da nova Páscoa?...

Será que as "Igrejas cristãs" deixarão de se atacar, chegando a Páscoa?...

Será que os SALÁRIOS crescerão como crescem os preços dos ovos de Páscoa?...

Será que alguns "chefes" religiosos permitirão que Nossa Senhora Aparecida viva em paz, com a ressurreição do Filho Dela?...

Será que mais gente rezará mais pelos mortos, com a Páscoa?...

Será que nossa Páscoa terminará na Sexta-feira Santa?...

Será que a Páscoa "ressuscitará" o prestígio e o valor dos PROFESSORES?...

Será que a Páscoa nos entusiasmará a sermos melhores, incomensuravelmente melhores CRISTÃOS E CATÓLICOS?...

Será que leremos mais Bíblia, na Páscoa?...

Será que nossa Páscoa se resumirá em ir à praia, à serra, ao campo, à piscina, à pescaria e à casa de parentes e amigos?...

Será que a Páscoa nos transformará em elementos menos falsos e mais amigos da VERDADE?...

Será que a Páscoa nos dirá que Jesus morreu por causa de nossos pecados e defeitos e de nossas burradas?...

Será que a Páscoa nos encherá o coração de paz, da suspirada PAZ?...

Será que nos perdoaremos, na Páscoa?...

Será que a Páscoa nos "saciará" de FELICIDADE?...

Será que a nova Páscoa "será" "nova" mesmo?...

Será... será... será!...

Com licença. Vou refletir e "tentar" melhorar.

Ah, e uma gostosa e cristã e renovadora PÁSCOA, meu amigo, meu leitor e meu irmão!

Amém!

O ESPÍRITO DO CALVÁRIO

Pe. José Bedin

Se a dor que está
no fundo fosse
escrita bem na
testa, certamente
todo o mundo dó
teria de quem faz
festa.

O poeta italiano G. Prati escreveu pequeno poema, destinado aos sofredores.

A primeira quadrinha começa assim: "Quando nacqui mi disse una voce: Tu sei nato a portare la tua croce...". Versão livre: No dia em que nasci, alguém murmurou ao meu ouvido: Você nasceu para carregar uma cruz...

Abraçei, chorando, a cruz que o céu me havia dado. Depois, olhando

por todo lado, vi que era verdade: TODOS carregam a sua cruz neste mundo...

Realmente, ninguém escapa!

Bem que Deus — com toda sua Sabedoria e Bondade — podia ter inventado algo mais fácil para consertar as "burradas" do homem. Mas parece que o próprio Deus esbarrou com o eterno princípio da JUSTIÇA: DÍVIDA DEVE SER PAGA".

E como todos somos devedores, todos devemos PAGAR, às vezes, um pelo outro.

Grandes e pequenos, ricos e pobres, professores e alunos, autoridades e súditos.. TODOS devemos trilhar o caminho traçado pelo Mestre: o caminho do Calvário.

É interessante notar como cada ser humano tem o seu jeitinho próprio até para carregar a cruz.

Uns vivem clamando a todo o mundo o seu sofrimento: são os caçadores de compaixão. Outros procu-

ram esconder a cruz sob a capa de uma alegria fingida: são os chamados "fortes".

Uns exageram o peso de suas magoas, outros passam o tempo comparando e achando que ninguém sofre tanto quanto eles.

Uns sofrem bendizendo, outros gemem blasfemando.

Uns bebem pra esquecer, outros esquecem pra beber.

Uns choram para não rir, outros riem para não chorar.

FULANO é rico, tem casa própria, tem carro importado, tem fazendas e uma conta bem alta no banco. Mas tem um filho viciado em drogas e outro com leucemia.

BELTRANO é pobre, mora na favela, vai ao trabalho com "marmitta", tem cinco filhos COM fome e SEM escola, porque não há com que comprar comida e livros.

SICRANO é da classe média, tem alguma propriedade, tem até um certo conforto; mas tem uma mulher que compra tudo o que vê "a prestações" e, pior do que tudo, não quer filho nenhum.

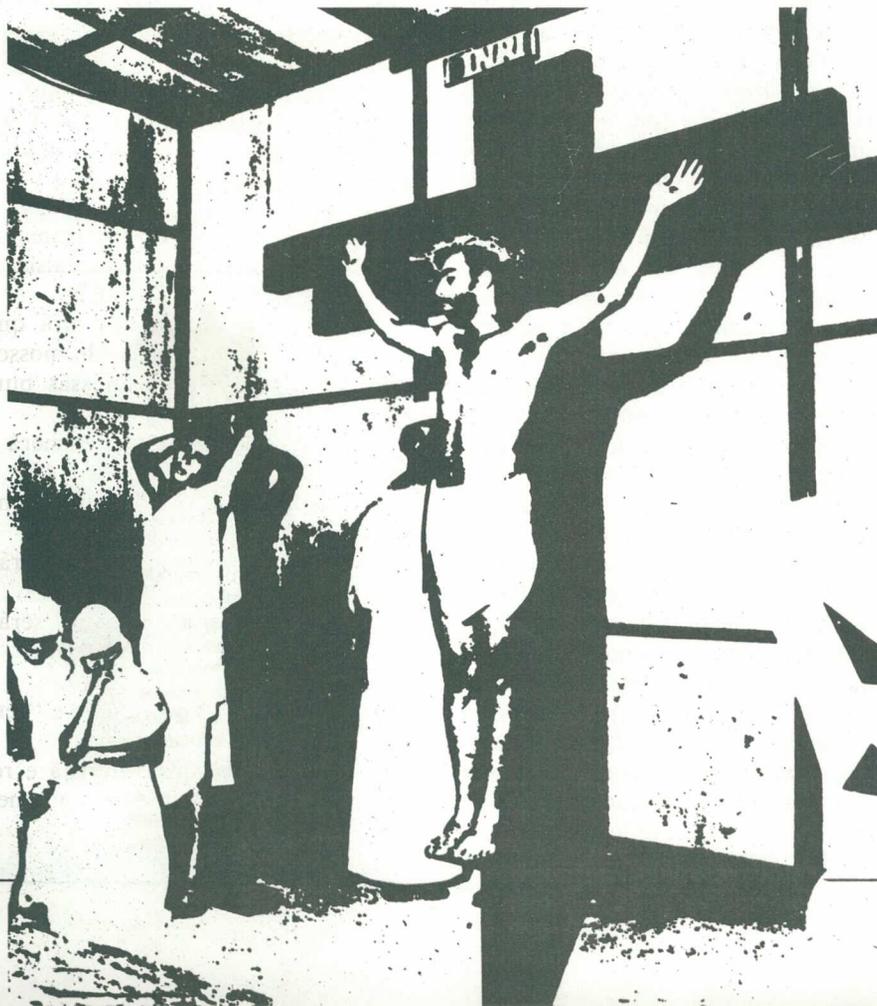
FULANA é "feliz", tem um marido honesto e trabalhador, tem 3 filhos alegres e saudáveis, tem um lar que parece a morada da felicidade; mas o médico a avisou que seu esposo tem... câncer no fígado.

BELTRANA é freira de caridade, não precisa ocupar-se com coisas materiais, pois a Congregação pensa em tudo; mas é tormentada por tentações e dúvidas.

SICRANA é jovem, cheia de saúde e simpatia, os admiradores são muitos; mas o rapaz que ela quer gosta de outra.

A HUMANIDADE INTEIRA é uma longa e interminável "procissão" de sofredores, subindo uma colina chamada CALVÁRIO, seguindo um Líder chamado JESUS, que também carrega a sua CRUZ.

O Líder vai na frente, como um modelo confortador. Aos homens só resta SEGUI-LO, sabendo que lá em cima os espera o repouso, o prêmio, o TRIUNFO PASCAL.



SEGUNDA LIÇÃO PARA FAMILIARES DE ALCOÓLATRAS: NÃO PERGUNTE AO ALCOÓLATRA SE ELE QUER SE TRATAR.

Donald Lazo (Diretor da REINDAL)

(Crie as condições que não lhe deixem alternativa).

A semana passada apareceram na Chácara Reindal três cavalheiros: um era marido de uma alcoólatra; o segundo era o irmão da mulher que bebia, e o terceiro era médico e grande amigo dela e do marido. Vieram, evidentemente, para conhecer a chácara, mas também para expor o caso dela. Embora fosse claramente um caso bastante avançado de alcoolismo, disseram que seria difícil convencê-la a se tratar.

Contamos ao marido que o alcoolismo é uma enfermidade muito grave que, no Brasil, mata mais de 97% das pessoas que a desenvolvem. (Um em cada dez brasileiros a desenvolvem.) Explicamos que a dependência do álcool se intensifica gradativamente e que, quanto mais tempo passa, mais dependente — e, portanto, mais difícil de recuperar — se torna o alcoólatra. Em outras palavras, é uma doença fatal na ausência de tratamento apropriado, e convém que o tratamento se faça quanto antes.

Sugerimos ao marido que, para incentivá-la a se tratar, ele deveria se propor a acompanhá-la durante as duas semanas em que ela estaria conosco. Afinal, o nosso tratamento consiste somente em desintoxicação (sob cuidados médicos) e educação (com palestras, filmes e reuniões de grupo). Portanto, com a exceção da desintoxicação, ele aproveitaria a parte educativa tanto quanto ela e estaria infinitamente melhor preparado para ajudá-la quando ela saísse daqui.

“Faça o possível para incentivá-la a vir”, explicamos ao marido, “mas, em última instância, obrigue ela a vir”!

“Obrigá-la?” perguntou. “Co-

mo? Devemos dar-lhe uma injeção que a fará dormir para depois acordar aqui dentro? Ou devemos trazê-la à força?”

“Nenhuma das duas coisas”, respondemos, “inclusive porque o portão da Chácara Reindal fica aberto e o paciente que *quer* ir embora *pode* ir. Só que a nossa experiência é que, chegando aqui e sendo recebido da maneira carinhosa com que nós o recebemos (afinal, vários de nós também somos alcoólatras), ele acaba ficando”.

“Mas, como obrigá-la, então?”

“Bem”, explicamos, “primeiro é necessário entender uma coisa. A natureza da doença alcoólica é tal que o alcoólatra raramente quer se tratar. Trata-se, afinal, de uma dependência de uma droga da qual o dependente tem medo de ser privado. Aliás, é uma das raras enfermidades em que *o doente quer ficar cada vez mais doente*. Reconhecendo isso, vocês teriam que admitir que é, no mínimo, injusto — e, na minha opinião, até cruel — permitir que uma pessoa, dominada por sua necessidade periódica de beber e já sem a capacidade de lutar sozinha contra sua droga, continue sem tratamento apropriado.

Considerando que se trata, nada mais e nada menos, de salvar a vida de uma pessoa que perdeu sua capacidade de decisão devido à sua crescente dependência orgânica, VALE TUDO, ou quase tudo.

É necessário fazer tudo para levar essa pessoa a querer se tratar. Neste esforço, é impossível ir longe demais, porque a alternativa — o não tratamento em tempo — significa a morte (lenta, porém garantida) dessa pessoa.

Mas, como forçar uma pessoa a

querer se tratar? Explicarei em maiores detalhes em futuros artigos. Em resumo, aqui, posso responder o seguinte: força-se um alcoólatra a querer se tratar oferecendo-lhe uma alternativa pior. Para entender a lógica deste enfoque, precisa saber duas coisas: (a) o alcoólatra só pára de beber quando as desvantagens do seu beber são maiores que as vantagens (que são imensas); (b) o alcoólatra é uma pessoa dependente, não só de sua droga mas também da fonte do dinheiro que lhe paga essa droga, e das pessoas que o ajudam a evitar as conseqüências do beber exageradamente. Em muitos casos, os familiares do alcoólatra preenchem as duas necessidades: lhe dão o dinheiro para poder comprar bebida (ao mesmo tempo que lhe oferecem casa, comida, roupa lavada, etc., etc.) e correm para tirá-lo dos seus apertos toda vez que bebe demais e cria algum tipo de crise.

No campo do alcoolismo, estas famílias têm nome. Nós as chamamos de “facilitadores”. Vivem implorando ao alcoólatra que maneeire a bebida (o que para o alcoólatra já é uma impossibilidade orgânica), ao mesmo tempo que facilitam seu acesso a ela.

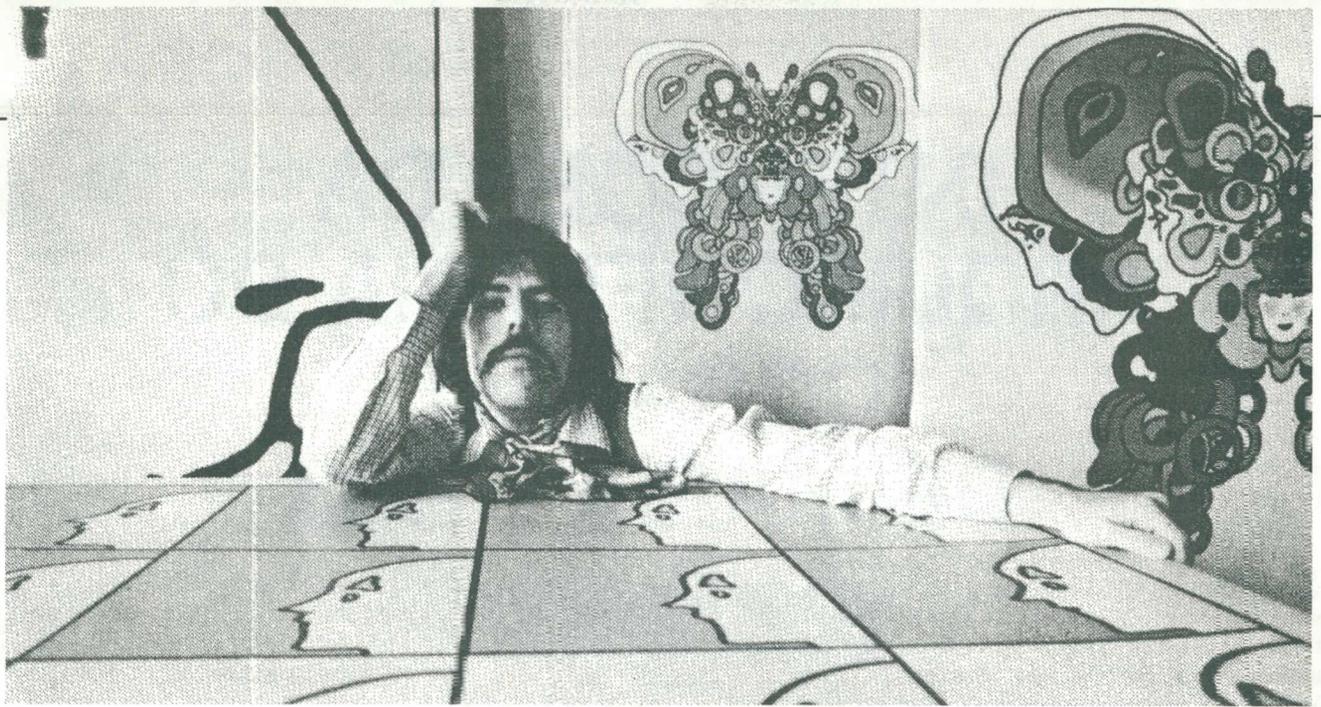


REINDAL

ESPECIALIZADA EM
TRATAMENTO DE
ALCOOLISMO

Seguindo os métodos mais avançados dos EUA, em 2 semanas a nossa equipe restabelece a saúde física e emocional do alcoólatra através de cuidados médicos, palestras educacionais, filmes e terapia.

Fone: 520-9514
Cx. Postal 20896
São Paulo, SP



ESTRELAS E DROGAS

Ida Laura

A compreensão e a atenção ajudam as pessoas a encontrarem seu equilíbrio emocional e mais rapidamente alcançarem a maturidade.

Há poucos dias, os jornais anunciaram estar findo o inquérito sobre a morte da atriz Marilyn Monroe, concluindo-se que foi causada por um excesso de drogas, tomadas de maneira intencional ou não. Isto é, não houve assassinato, mas sim suicídio ou acidente. Completou-se também em janeiro um ano do falecimento da cantora Elis Regina, só que em relação a esta ainda pesam certas dúvidas. A causa do óbito foi a mistura de álcool e cocaína. O mais provável é que tenha ela ingerido uma dose letal, sem ter consciência do que poderia acontecer. Tudo leva a crer que não se tratou de um suicídio, uma vez que estava em um período positivo da existência. Vale a pena lembrar, para defender a artista, que o inquérito acerca de sua morte foi iniciado e depois sumariamente interrompido. Quem lhe deu o fatal copo com a bebida? Por que ficou horas sem socorro, quando havia uma pessoa ao seu lado? Onde foram parar as garrafas e copos vazios que a empregada diz ter visto?

Num filme recente, baseado em romance de Agatha Christie — “O Espelho Quebrado” — a personagem

viúva por Elizabeth Taylor escapa a um envenenamento porque outra pessoa afastou imediatamente o copo fatal. Não devemos transformar a morte de mitos como Marilyn, Elis ou Jane Joplin em filmes policiais. De todo o modo, o fato é que essas estrelas todas sucumbiram vitimadas pela droga. Indirectamente ao menos, muitas pessoas podem ter concorrido para aquelas mortes, na medida em que as levaram a ingerir, ainda que por acidente, uma dose de tóxico maior que a suportável pelo organismo humano.

Em primeiro lugar, o que leva “a estrela”, no masculino ou no feminino, a procurar drogas? São seres que alcançaram o sucesso em sua área. Estariam fugindo de quê, ou buscando refúgio? Depois de enfrentar centenas de vezes auditórios repletos, porque temê-los? O modismo seria o fator primeiro a assinalar. Todo o mundo fuma um baseado, cheira um pó, ingere uma bolinha. Um bom preparo psicológico evitaria isso: personalidades equilibradas não se viciam, analisam seus problemas e procuram resolvê-los sem precisar de estimulantes.

Em relação aos artistas, geralmente existem desequilíbrios emocionais: estão maduros profissionalmente, mas são imaturos em suas emoções. Acrescentam-se as pressões da sociedade e a atitude geralmente negativa das famílias que, ao verem um elemento do seu grupo partir para a carreira artística, automaticamente o consideram meio marginal. Se a ovelha negra é mulher, topa ainda com maiores preconceitos, inclusive sendo combatida pelas próprias mulheres, principalmente as que abdicaram de seu poder criativo e o dedicam exclusivamente ao marido e filhos.

A sociedade, através de padrões já existentes, teme o artista criador, que geralmente vem interromper a calma e lança novas propostas. A família sente dentro de si o pulsar de uma célula diferente e procura destruí-la. Em toda a parte, encontra o artista resistências. Tendo ele um sistema nervoso mais diferenciado e mais sensível, acaba sofrendo a ruptura de seu “eu” interior, sem que ninguém ao seu redor perceba. Daí vem a importância da atenção que os governos de muitos países estão dando aos superdotados em qualquer área, que necessitem de cuidados psicológicos especiais e cujas famílias e meio social precisam de orientação (Plana).

INTENÇÕES DA ARQUICONFRARIA DO CORAÇÃO DE MARIA - 1983

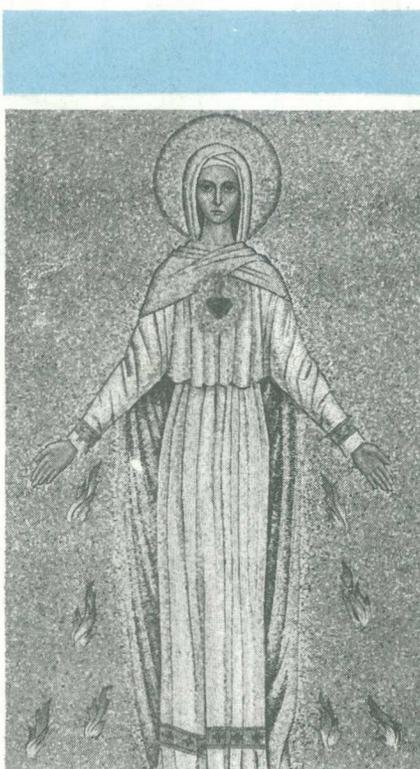
A Igreja é em Cristo como um sacramento, isto é, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano. Vamos rezar durante este ano, por intercessão de Maria "Mãe da Igreja", para que todos os homens, que hoje estão unidos por múltiplos vínculos — sociais, técnicos e culturais — consigam também a unidade completa em Cristo (cf LG 1).

JANEIRO + Pelo papa João Paulo II, que se proclama todo de Maria, Totus tuus, para que, por meio do Coração de Maria, desça sobre ele a plenitude da caridade e seja cada vez mais sinal visível e instrumento eficaz da unidade da Igreja. Rezemos ao Senhor...

FEVEREIRO — Pelos bispos, sinais da unidade nas Igrejas particulares, para que sejam criadores de comunhão em meio às divisões que desgastam os povos. Rezemos ao Senhor — por intercessão do Coração Imaculado de Maria...

MARÇO — Pelos sacerdotes com responsabilidades pastorais, para que sua proximidade das dores e das alegrias das famílias e pessoas desperte nelas um maior compromisso pela unidade da família de Deus. Rezemos ao Senhor por meio do Coração de Maria, Mãe de Igreja...

ABRIL — Pela família cristã, Igreja doméstica, para que seja fermento do amor-caridade no ambiente onde vive, sendo ela mesma comunhão plena com Deus, que é comunhão de amor. Rezemos ao Senhor pelo Coração de Maria, Mãe da caridade...



MAIO — Pelas nossas paróquias, para que sejam comunidade de comunidades, um só coração e uma só alma com Maria, a Mãe de Jesus. Rezemos ao Senhor...

JUNHO — Pelas comunidades religiosas, para que, não só pelas suas estruturas sociais, mas também pela qualidade evangélica de sua vida, sejam na verdade sinal de caridade e agente de unidade. Rezemos ao Senhor por meio do Coração de Maria.

JULHO — Pelos educadores cristãos, para que transmitam aos alunos uma educação humana, cultural e religiosa que os leve a viver com toda res-

pensabilidade seu cristianismo e os faça agentes de diálogo e de comunhão. Rezemos ao Senhor por meio do Coração de Maria...

AGOSTO — Pelos evangelizadores para que consigam impregnar as diferentes culturas com valores do Evangelho e assim a diversidade de dons contribua para uma união mais intensa e rica entre todos os povos. Rezemos ao Senhor por meio do Coração de Maria...

SETEMBRO — Pelos governantes de todo o mundo para que, através da promoção do bem comum, melhorem os vínculos sociais, nacionais e internacionais e à força coesiva do Reino de Deus não seja posto nenhum obstáculo provocado pelos egoísmos nacionalistas. Rezemos ao Senhor pelo Coração de Maria...

OUTUBRO — Pelas organizações que lutam contra a fome no mundo. Para que a misericórdia e a caridade sejam a alma e o estímulo eficientes para suprimir as tensões da injustiça e do ódio entre os povos. Rezemos ao Senhor pelo Coração de Maria...

NOVEMBRO — Pelos que lutam pela liberdade do homem, para que seja livre de toda opressão e não se deixe enganar por valores falsos ou promessas, nem ceder à tentação do ódio e da violência. Rezemos ao Senhor pelo Coração de Maria...

DEZEMBRO — Pela paz do mundo, para que cessem todas as guerras que sangram tantas partes do mundo; pela paz que é plenitude de justiça, de respeito pela vida e de liberdade. Rezemos ao Senhor pelo Coração de Maria, Rainha da paz...

CORAÇÃO DE MARIA (VII)

Pe. João de Castro Engler, cmf

A coerência de vida e a constância perseverante de Nossa Senhora são estímulo para a nossa fé e nossa esperança.

Sem ter tido jamais o menor pecado em sua vida, nenhuma sombra pôde diminuir, no mínimo que fosse, a fidelidade à resposta plena, dada no início de sua vocação à Maternidade de Deus Salvador, pelo Coração de Maria. E aqui estão os outros dois elementos da Fidelidade da Santíssima Virgem: a coerência e a constância perseverante até o fim de sua vida. E por isso, com toda a razão o Concílio Vaticano II percorre, passo por passo, a vida de N. Senhora, desde a encarnação até o calvário, destacando a fidelidade de sua união com Cristo: "Esta união entre Mãe e Filho na obra da salvação manifesta-se desde o tempo da virginal conceição de Cristo até sua morte (LG 8, n. 57)... Assim a B. Virgem avançou em peregrinação de fé. Manteve fielmente sua união com o Filho até a cruz, onde esteve não sem desígnio divino (LG 8,58). E então Jesus, dirigindo-se a Maria e chamando-a de uma maneira insólita, lhe diz: "Mulher, eis aí o teu filho" (Jo 19,25). De uma maneira insólita: "Mulher", ela não é somente sua Mãe, segundo a natureza humana, mas ela é aquela "Mulher" de que fala o Gen 3,15 cuja inimizade profunda, total, perfeita e irreversível com o demônio a tornara a verdadeira Mãe de todos os que renasceram para a vida divina, conquistada por Jesus, sobre o calvário. "Verdadeiramente Mãe, porque colaborou com seu amor, para que nascessem na Igreja os fiéis que são os membros desta Cabeça" (LG 8, n. 53). Diz S. Paulo da oblação de Jesus a seu Pai: "Eis que venho, ó Deus, para fazer a tua Vontade": foi por essa oblação "que foram salvos, uma vez para sempre, todos que se haviam de salvar" (Heb 10,9 e 14). Mas a essa oblação de Cristo uniu-se, por

vontade do Pai e expressa declaração de Cristo, a oblação de Maria: "Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1,38). "Predestinada desde a eternidade junto com a Encarnação do Verbo divino, como Mãe de Deus, por desígnio da Providência divina, a Bemaventurada Virgem foi nesta terra a sublime Mãe do Redentor, singularmente mais que os outros Sua generosa companheira e humilde serva do Senhor. Ela concebeu, gerou, nutriu a Cristo, apresentou-o ao Pai no Templo, compartilhou as dores do seu Filho que morria na Cruz. Assim de modo inteiramente singular, pela obediência, fé, esperança e ardente caridade, ela cooperou na obra do Salvador para a restauração da vida sobrenatural das almas. Por tal motivo ela se tornou para nós mãe na ordem da graça" (LG 8, n. 61). A coerência perseverante da vida de Maria com o "sim" da Anunciação está ao lado da coerência consumada sobre o calvário de seu Filho, o Cristo. E por isso Sto. Epifânio (315-403), comentando Gen 3,20: "Adão chamou sua mulher 'Eva' por ser a mãe de todos os viventes", observa: "Eva foi mãe dos viventes, muito melhor Maria foi Mãe de todos os viventes para a vida divina da graça". E como a primeira oblação de Cristo (Heb

10,9) perseverou imutável numa prontidão e amor crescentes, assim a oblação de Maria, que culmina com a de Cristo sobre o calvário. O mundo está salvo uma vez para sempre no calvário de Cristo (Heb 10,12-14) e junto a Ele, na oblação, sempre total e perfeita do Coração de Maria. O Vaticano II diz que Maria avançou "em peregrinação de fé". Como de Jesus diz o evangelho que, em sua vida oculta de Nazaré, "crescia em idade, sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens" (Lc 2,52), podemos imaginar os progressos constantes de sua Mãe, nos longos anos de Nazaré e nos da vida pública de seu Filho Jesus. Crescia em sabedoria: não é aos sábios e aos hábeis deste mundo que ela é concedida, mas aos pequenos, essa sabedoria que não se adquire por esforço humano, mas por revelação do Pai (Mt 11,25 ss.), sabedoria que é comunicada pelo Espírito de Deus aos que lhe são dóceis (1Cor 2,10-16; 12,8; Ef 1,17). Esse contínuo crescer do Coração de Maria em Sabedoria, e consequentemente em Graça, tornou cada mais perfeita e viva a coerência de toda a sua vida à vocação recebida e abraçada desde a Anunciação, e consumada junto à cruz e consagrada pela palavra de seu Filho, Jesus: "Mulher, eis aí o teu filho" (Jo 19,26), declarando-a Mãe do gênero humano na pessoa de João. A tal ponto, disse o papa Bento XV, que "com razão se pode dizer que ela com Cristo remiu o mundo".

Vivência espiritual: *Invoca sempre o Coração de Maria, como Mãe da coerência que debes guardar sempre entre a tua fé e tuas obras.*

Coerência, autenticidade. E invoca esse Coração fiel, como Mãe da perseverança e fidelidade a Jesus, por Maria, até a morte.

Nossa Senhora da Perseverança, rogai por nós.)





CHAPATI, "PÃO DE GANDHI"

Maria do Carmo Fontenelle

Mesmo que a receita de viver venha pronta, não tenha receio de questionar, nem medo de arriscar melhorar.

Há receitas, receitinhas e RECEITAS! Algumas são como bens de herança, passadas de mãe pra filha. Toda jovem, tão logo comece a pensar em se casar, arranja um Caderno de Receitas, que vai preenchendo junto com os preparativos de enxoval. Mesmo nos dias atuais, tenho o prazer de conhecer algumas, que agem assim.

Elas copiam do caderno da mamãe receitas especiais como aquele Biscoitinho de cerveja (receita a seguir) de que o noivo Epaminondas tanto gostava. As receitas simples de preparar, saudáveis, são as prediletas de quase todas as mulheres atuais que enfrentam a falta de empregada doméstica e o trabalho fora de casa.

Há até "moda" de receitas. A Ademilde descobre uma receita gostosa, diferente, fácil de fazer e serve na festinha de aniversário do Epaminondinhas. Pronto! Em pouco tempo apareceu mais uma "Receita da Moda." Foi assim com o Pé-de-moleque crocante. Quem não se lembra? A Bala-de-leite de coco, as famosas Alfinins? O Brigadeiro continua no pique da preferência. Festinha de criança que se preza TEM que ter Brigadeiro e Alfinins, pelo menos.

A receita que dá título à crônica tem tudo para entrar na moda, marcando os anos 80 como a volta dos alimentos naturais.

Esse estranho Chapati é preparado com farinha integral e sem gordura. Além disso, veio de muito longe: da Índia! Tem a fama de ter sido o pão que Gandhi comia, preparanpredo-o ele mesmo com farinha integral. Você pode usar trigo integral (comum ou sarraceno), centeio, aveia, fubá, farinha de soja torrada, etc. A técnica não pode ser mais simples: coloque numa tigela a quantidade que quiser de farinha, água que cubra e sal. Aqueça uma gre-

lha de ferro e espalhe uma colherada no centro, como panqueca. Pode ser preparado na hora, mas fica ainda melhor deixando a massa para o dia seguinte, coberta com um pano, na temperatura ambiente para levedar.

Saboreei este pão, faz alguns anos passados, quando almocei com uma amiga hindu, colega na Universidade de Maryland. O cardápio era galinha frita em frigideira de meia pressão (macia e bem temperada). Salada de verdura e o Chapati. É receita bem adaptada à vida moderna, preparada no instante de servir. (Ela misturou água com a farinha integral e despejou uma pequena porção, sem nem untar a grelha, espalhou como panqueca. Eu prefiro untar a grelha e passar um papel para retirar o excesso.) Ao fim de poucos minutos, já estava com as beiras arrebitadas e foi só virar com uma espátula. Começamos a comer os pãezinhos que iam tostando diante de nós.

Passaram-se muitos anos e nunca experimentei a receita da Kuldip. Só agora estou tentando acertar para passar para você. Fiz 3 vezes para acertar a boa consistência da massa. Não desanime com o 1º, 2º ou 3º fracasso porque vale a pena. A Kuldip não deu nenhuma receita, dizendo, brincalhona, que era *pão-sem-receita!* Mas como para tudo na vida, é preciso adquirir prática e talvez a qualidade da farinha necessite um ajuste nas quantidades dos ingredientes...

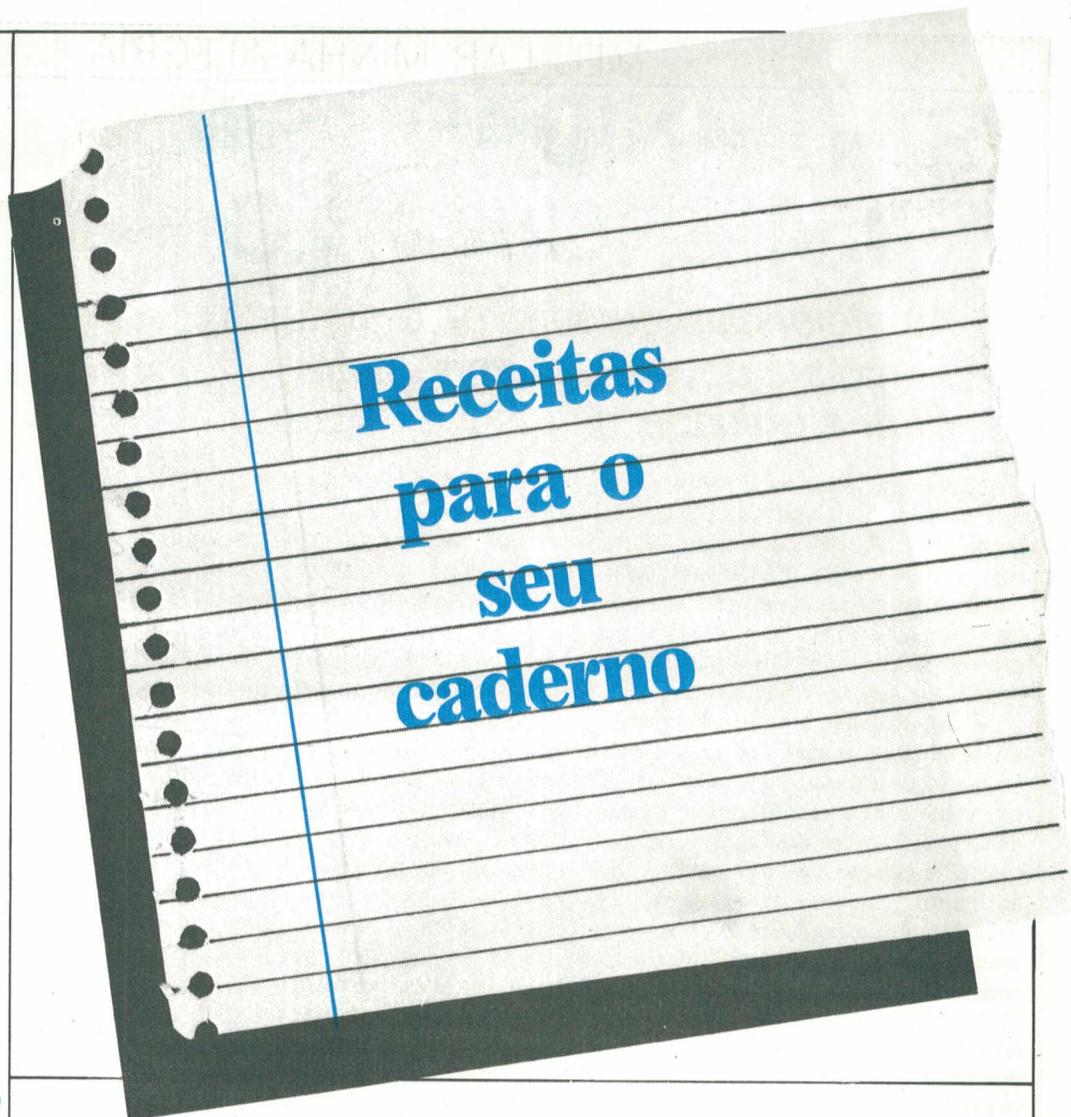
Pode também temperar de acordo com seu paladar: com queijo, cheiro-verde picado, cebola repicadinha, tablete Knorr de carne, de galinha ou de legumes, dissolvidos na água da mistura. (Fiz com o tablete de legumes).

É, ou não é, uma receita que tem tudo para agradar? Bom apetite e mãos à obra!

CHAPATI

- 1 xícara de farinha integral
- 1 xícara de água
- 1 colherinha de sal.

Acertei melhor quando aumentei a água e deixei levedar. Ficou cheio de bolhinhas logo que coloquei a porção de massa sobre a grelha quente, e melhorou também o sabor. A quantidade de um pãozinho de bom tamanho é medida na colher grande de servir arroz, ou 3 colheres das de sopa. Também achei melhor untar a grelha com um pouco de óleo. Você pode usar grelha ou frigideira de fundo grosso. Deixe a massa sobre fogo brando até arrebatar as beiradas. Vire e espere tostar do outro lado. Se preferir mais tostado, faça a mistura mais fina, aumentando um pouco a água.

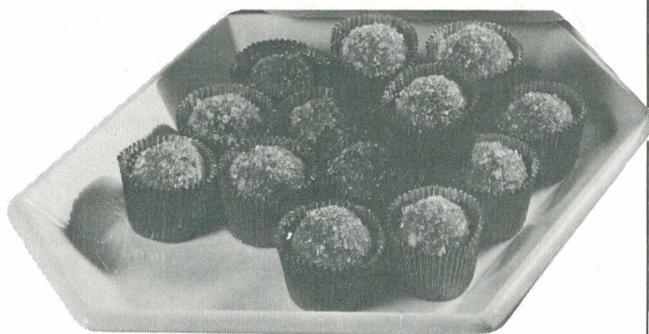


BISCOITINHOS DE CERVEJA

“Os prediletos do Epaminondas”

- 1 quilo de farinha de trigo
- 8 ovos
- 1/2 quilo de manteiga ou margarina
- 1 copo de cerveja
- uma pitada de sal.

Misture a farinha com a manteiga e vá pondo os ovos de um a um e amassando. Quando estiver bem ligado, junte a cerveja e torne a amassar, batendo bem a massa. Isto feito, abra a massa sobre superfície enfarinhada, enrole como rocambole e corte em pedacinhos. Polvilhe com açúcar cristalizado e leve ao forno médio, em assadeira sem untar.



CAFEZINHO DE BANANA

- 1 lata de leite Moça Café
- 6 bananas nanicas, maduras, descascadas
- 1 colher (sopa) de manteiga.

Bata o Leite Moça e as bananas no liquidificador; junte a manteiga e leve em

fogo baixo, mexendo sempre até desprender do fundo da panela. Despeje num prato untado e deixe esfriar. Faça bolinhas, passe-as pelo açúcar cristal e coloque-as em forminhas de papel.

QUEIJO DE BATATA-DOCE

- 1 quilo de batata-doce, cozida
- 1 xícara de karo
- 4 colheres de queijo ralado fino (50g).

Descasque as batatas e passe por uma panela. Coloque a massa numa panela, em banho-maria, misture o Karo e o queijo. Mexa durante 5 a 10 minutos, até a massa ficar consistente. Coloque numa forma redonda, molhada, e aperte bem. Desenforme e polvilhe com açúcar. Dá 8 a 10 porções.

Mah Luly

FRATERNIDADE SIM, VIOLÊNCIA NÃO

As violências geradas pelo sistema egoísta devem ser enfrentadas com a unidade, na justiça e na paz.

O tema da violência é sempre encarado de forma unilateral, segundo a visão da classe dominante com o objetivo de manter as coisas como estão ou seja: perpetuar o poder com as armas da repressão, da arbitrariedade e da violência contra o povo e a classe trabalhadora.

É tão violenta a visão colonizada introjetada na massa que esta chega ao ponto de muitas vezes justificar a repressão contra ela mesma ao ponto de se pedir a volta do "Esquadrão da morte" e mesmo elegendo candidatos antipopulares como aconteceu na última eleição. É lógico que os setores mais marginalizados tanto pelo fator econômico quanto pela cor são os mais atingidos pela violência, como acontece contra os negros, mulatos, operários, camponeses, índios, empregadas domésticas, etc., que são considerados "inferiores", sem status, sem poder aquisitivo, sem posses, pobres... (A IGREJA FEZ A OPÇÃO POR ESTES).

A imprensa burguesa e capitalista mostra-os como elementos perigosos e ameaçadores a nós e à nossa propriedade; pois eles não têm nem tradição, nem família, nem propriedade...

A multidão enfurecida e cega julga fazer "Justiça" quando tenta linchar um trombadinha que bateu uma carteira, mas não faz o mesmo com personalidades ilustres que estiveram envolvidas em escândalos onde milhões e milhões de nossos impostos foram desviados e que poderiam ter sido aplicados em hospitais, casas populares, creches, escolas, etc.

Padres são condenados por apoiarem posseiros na luta por seus direitos e enquadrados na Lei de Segurança, enquanto indústrias estrangeiras exploram nossos trabalhadores

que, ao se rebelarem contra estas arbitrariedades, são taxados de subversivos, comunistas e enquadrados na L.S.N.

Neste sistema impregnado de violência é notória a desintegração da família, onde membros da mesma — na luta desesperada pela sobrevivência, com horas excessivas de trabalho, salários baixíssimos — não têm tempo para dialogar, não se conhecem mais, se tornam estranhos, inimigos... Enfim, vivemos num sistema social pecaminoso, onde valemos pelo que temos e não pelo que somos. E agora está a crise econômica provocada pelo governo e pelos tecnocratas, que pedem a maioria marginalizada que apertem os cintos...

Essa sociedade anticristã, capitalista, que se apóia em estruturas sociais, políticas e econômicas arcaicas, abomina soluções que caminhem na direção de um regime democrático autêntico; pois isso põe em jogo seus lucros e é bem mais vantajoso tomar decisões em gabinetes sem a participação do povo e dos trabalhadores. Tudo isto gera conseqüências imprevisíveis e de nada adiantam os apelos de setores reacionários que clamam pela paz como se esta pudesse existir sem a luta contra a injustiça através do povo organizado em associações, movimentos populares, sindicatos autênticos, partidos políticos, Comunidades Eclesiais de Base, etc... Num clima que favorecesse todo este estado de coisas estaria lançada a semente que serviria de base para a construção de uma sociedade mais humana, mais fraterna onde a consciência comunitária seria despertada à luz do Evangelho.

"O Espírito do Senhor está sobre mim e me mandou anunciar a liberdade aos presos, a vista aos cegos, a libertação aos oprimidos..."

HUMOR

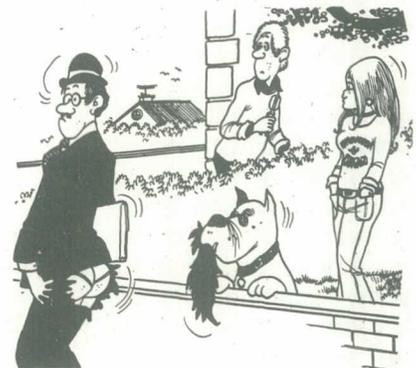
Imposto de renda
(acerto de contas)



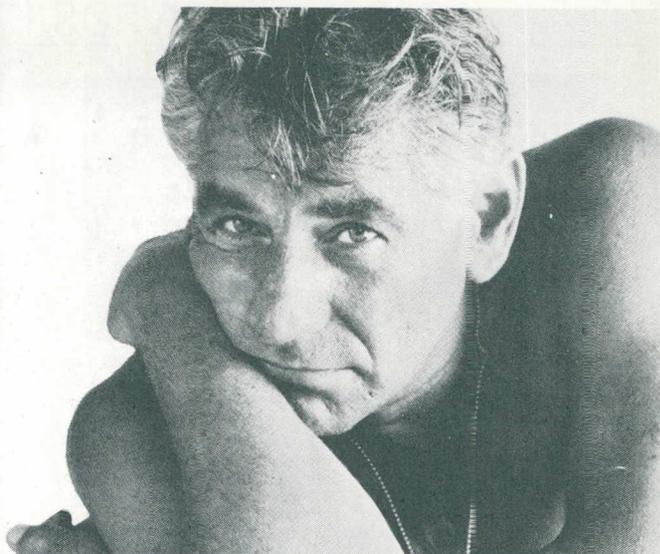
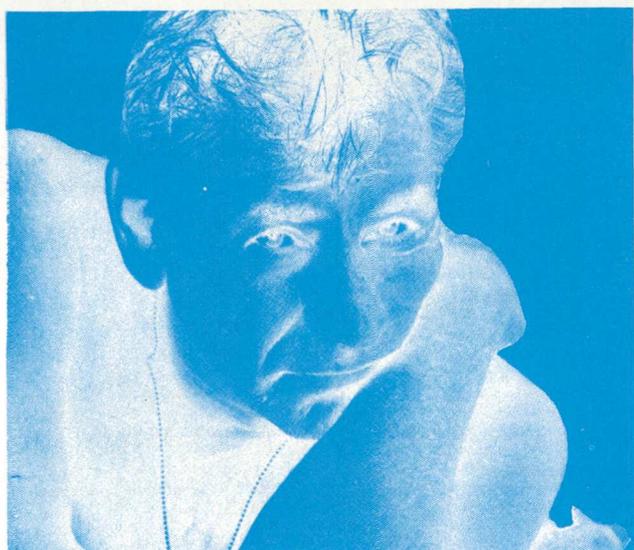
— Papai, vamos juntar nossos esforços? Eu ajudo-o a fazer sua declaração de imposto de renda e você me ajuda a fazer minha redação, tá?



Sem palavras



— Lulu é "inteligente"! Logo reconheceu o fiscal da Fazenda.



HÓSPEDES

José Penalva

Ponha atenção.
Por vezes o anjo ou
o bandido surgem à tona.
Vivem cá dentro.

Vejo,
apóio o bem,
faço o mal que não
aprovo — lição de Ovídio.

Para Paulo há homem novo
e homem velho,
duas leis em meus membros..
as duas almas de Fausto.

A cabeça? A louça da casa, diz Teresa de Ávila,
ou a praça pública
onde o que não passa?

Claro, o Espírito mora conosco
também.

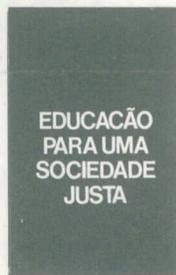
Bandido
e anjo,
("havia uma barata
ou um anjo"? — pergunta Drummond).

Preciso aprender
a conviver...

LIVROS RECEBIDOS



LITURGIA E LIBERTAÇÃO — Aldo Vannucchi — Edições Loyola — 140 págs. O livro foi escrito para responder a questões levantadas na própria introdução que são: Qual a contribuição da liturgia numa Pastoral de Libertação? Pela liturgia, podem (ou devem?) os cristãos acordar, hoje, de certa inércia ou fatalismo, que perpetuam costumes discriminatórios, tabus morais, estratificações econômicas desumanas e estruturas injustas de poder? Nossas assembleias litúrgicas geram comunidades livres e libertadoras, antecipando incoativa mas efetivamente o Reino, ao ponto de não haver mais necessidade dentro delas de crescer cada vez mais, por causa disso, os que creem no Senhor?



EDUCAÇÃO PARA UMA SOCIEDADE JUSTA — J. B. Libânio e outros — Edições Loyola — 125 págs. Diante da realidade atual, todo educador cristão deve lutar na dimensão que coloca a educação a serviço de uma sociedade justa. Neste livro encontramos colocações neste aspecto citado acima aplicadas à educação em todos os sentidos, porém mais especificamente na linha da educação formal. O autor aborda um aspecto específico do problema, tentando oferecer reflexões para uma transformação dinâmica de todo um esforço realizado na Educação.



NÓS DOIS E ELE — Frei Luis Gonzaga Costa, O.F.M. — Editora Vozes — 127 págs. São apresentadas neste livro reflexões evangélicas para auxiliar encontros e cursilistas nas suas reuniões periódicas com o intuito de aprofundar a espiritualidade e o conhecimento do Cristo para amá-lo mais profundamente. São trinta meditações bíblicas, com aplicações vivenciais para o casal. Cada colocação termina com umas questões que facilitam a interiorização do leitor.



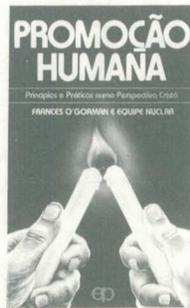
ELE OS CRIOU HOMEM E MULHER — João Paulo II — Cidade Nova Editora — 107 págs. O livro é uma coletânea de reflexões de João Paulo II sobre a corporalidade e a sexualidade humana à luz da Sagrada Escritura. É uma conscientização sobre o relacionamento homem-mulher, sua fundamentação doutrinária bíblica, teológica e pastoral. É indispensável para sacerdotes, agentes de pastoral, professores, moralistas, cursos de preparação ao casamento, etc...



CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA — Dom Antônio Maria Alves de Siqueira — Editora Santuário — 255 págs. Encontramos aqui uma série de 31 meditações (um mês) em preparação ao ato de Consagração a Nossa Senhora. Cada meditação está dividida da seguinte forma: três pontos de reflexão, um colóquio, ramallete, trecho do Evangelho, da Imitação de Cristo ou de outra fonte, e uma leitura final.



A PRÁTICA DE JESUS — Hugo Echegaray — Editora Vozes — 159 págs. A finalidade deste trabalho é confrontar a teologia da pobreza, como solidariedade e protesto, com um enfoque mais histórico e positivo de Jesus. Como é que Jesus — segundo os evangelhos — vivera a pobreza? E outras questões mais, sobre Cristo e a linha atual de catequese. Neste livro encontram-se subsídios exegetico-históricos para a elaboração de uma nova cristologia.



PROMOÇÃO HUMANA — Frances O'Gorman e Equipe Nuclar — Edições Paulinas — em co-edição com FASE-NUCLAR — 191 págs. Os capítulos partem de desenhos que dão margem ao diálogo sobre a promoção com agentes, entidades católicas e evangélicas, grupos de base e educadores, aqui e no exterior. A promoção aqui é encarada sob quatro tendências: assistência, ensino, participação e transformação. Além de questionamentos, o livro apresenta "pistas" para o serviço social a partir dos marginalizados e com eles.



SOMOS UM POVO QUE QUER VIVER — Coordenado por G. Castelvecchi (Nenuca), da Organização de Auxílio Fraternal — Edições Paulinas — 118 págs. Aqui vai relatada a experiência da OAF ou seja Organização de Auxílio Fraternal, iniciada em 1953 pelo monge beneditino-olivetano Dom Inácio Lezama, que estabeleceu o princípio: "Esses pobres têm direitos como filhos de Deus e irmãos da mesma família, e somente quem se disponha a considerá-los assim e a deixar-se tratar assim por eles, pode assumir um trabalho, uma vida junto".



ESPÍRITOS QUE INCOMODAM — José Bedin — Editora Santuário — 95 págs. Todo ser vivente, ao partir para uma outra vida, deixa suas mensagens para auxiliar os que ficaram. É esta mensagem que o autor procura na vida dos seres que nos podem dar lições aqui, agora... Encontramos reflexões sobre a vida tanto de santos como de personalidades leigas. Linguagem simples, agradável de ler, assim é o livro "Espíritos que incomodam".

Assinale os livros desejados e remeta este cupom para
LIVRARIA "AVE MARIA"
 CX. POSTAL 54.215
 01227 — SÃO PAULO Tels.: 66-0582 - 825-0700

- | | | |
|--------------------------|---|----------|
| <input type="checkbox"/> | LITURGIA E LIBERTAÇÃO | 700,00 |
| <input type="checkbox"/> | EDUCAÇÃO PARA UMA SOCIEDADE JUSTA | 680,00 |
| <input type="checkbox"/> | NÓS DOIS E ELE | 650,00 |
| <input type="checkbox"/> | ELE OS CRIOU HOMEM E MULHER | 620,00 |
| <input type="checkbox"/> | CONSAGRAÇÃO A NOSSA SENHORA | 600,00 |
| <input type="checkbox"/> | A PRÁTICA DE JESUS | 800,00 |
| <input type="checkbox"/> | PROMOÇÃO HUMANA | 1.500,00 |
| <input type="checkbox"/> | SOMOS UM POVO QUE QUER VIVER | 750,00 |
| <input type="checkbox"/> | ESPÍRITOS QUE INCOMODAM | 300,00 |

Nome _____ Nº _____
 Rua _____
 Cidade _____ Estado _____
 CEP _____

Obs.: Atendemos por Reembolso Postal. Pedidos de valor inferior a Cr\$ 100,00 deverão vir acompanhados do respectivo pagamento, por Vale Postal ou selos novos do Correio.
P.S.: Estes preços de livros estão sujeitos a reajustes sem prévio aviso.